Maria Lacerda de Moura

“Serviço militar obrigatorio para mulheres? Recuso-me! Denuncio!”

Editorial A Sementeira
São Paulo, 1933

CADERNOS DO
GRUPO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA SOCIAL
vol 1 – n 3
2017

São Paulo

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL é a divisão de pesquisa e publicações do CÍRCULO ALFA DE ESTUDOS HISTÓRICOS : associação sem fins lucrativos fundada em São Paulo em 1986 com a finalidade de incentivar o estudo do desenvolvimento histórico das sociedades e das culturas, de promover a compreensão das obras e atividades humanas em suas relações com o meio social.

O GRUPO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL reúne pesquisadores e especialistas da história da formação social brasileira, da história do movimento operário e dos temas da modernidade e da cultura contemporânea.

Os CADERNOS DO GEHS tem como objetivo divulgar os documentos do acervo do Círculo Alfa de Estudos Históricos, bem como contribuições de sua equipe de pesquisadores e demais estudiosos associados aos nossos objetivos.

contato: gehistoriasocial@gmail.com
blog: www.gehistoriasocial.blogspot.com.br

Círculo Alfa de Estudos Históricos
São Paulo

Maria Lacerda de Moura e a luta contra o fascismo, ontem e hoje.

Carlos Malavoglia

"Uma sociedade capaz de organizar perversamente, legalmente, de tal modo, os costumes bárbaros de acumular riquezas a custa da Fome, é de tal requinte de crueldade que não merece absolutamente nenhuma concessão. Sejamos objetor de consciência, agora que, no Brasil, discutem- se os projetos de uma Constituição moderníssima, tocando as raias do Fascismo". Escreveu Maria Lacerda de Moura em 1933, uma década decisiva na história mundial que culmina de um lado na Revolução Espanhola, e de outro na Segunda Grande Guerra. E, igualmente, uma década decisiva no Brasil, marcando o fim da República Velha e o difícil parto de uma nova estruturação política, social e econômica do país, uma nova composição da estrutura de classes e suas relações, processo que se desenvolveu como uma ruptura alongada, onde o novo e o velho, o passado e o futuro se espelhavam e como que se confundiam no presente imediato e a respeito do qual apenas o tempo seria capaz de delinear seus contornos de forma mais nítida e significativa. E, no entanto, não faltou à vanguarda do movimento operário, forjado nas primeiras décadas do século XX em organizações autônomas e nos embates várias vezes violentos contra a exploração e o autoritarismo das classes dominantes nacionais, não faltou a seus militantes, seus organizadores e companheiros, aos intelectuais e propagandistas associados, a compreensão do alcance e dos perigos da crise nacional e mundial, crise da periferia e do centro do capitalismo mundial com suas especificidades e igualmente com suas interconexões fundamentais.

O panfleto de Maria Lacerda de Moura contra um projeto de "serviço militar obrigatório para as mulheres" parte do tópico, da atualidade, do tema circunscrito, da circunstância imediata para a discussão crítica de maior alcance do que se delineava então como um novo tempo de aceleração da crise mundial e, como consequência, um novo projeto de dominação, uma nova estrutura política e social em formação da **"mobilização autoritária total"**. O tema central de sua análise: a sociedade de arregimentação em seus começos no século XX.

Podemos dizer que, ao leitor atento, o texto de Maria Lacerda de Moura sugere uma reflexão ampliada sobre a gênese da modernidade capitalista no século XX, sobre a gênese da modernidade periférica brasileira, e sobre as tensões e conflitos "atemporais" ou "perenes" no seio destas modernidades entre o progresso e a regressão, entre a integração social e a exclusão violenta, entre a produção social ampliada de riqueza e a extrema concentração desta riqueza geral em mãos de poucos, entre, finalmente, o poder popular, a democracia como "fato" e como valor, como projeto e realidade (ainda que limitada, inacabada, instável, etc) e o poder sem limites de classe ou de fração da classe dominante sobre e contra a maioria. Ou seja, o fascismo, que aqui consideramos tanto na sua encarnação histórica passada como nas suas novas formas em gestação em nosso tempo de crise aprofundada do capitalismo neoliberal. Dada a experiência histórica do século XX tardio, que culmina na chamada "globalização neoliberal", é possível talvez entender o fascismo historicamente como uma espécie de "forma primitiva" da sociedade administrada (Adorno), da sociedade unidimensional (Marcuse), da sociedade do espetáculo (Debord) entre outras designações ou abordagens da formação social do presente. "Forma primitiva" que retorna hoje, no impasse do processo histórico global, como "fantasma" regressivo.

"O Estado é o partido dos que estão de cima. Caminhamos também nós no Brasil para o Fascismo" escreveu a socialista libertária e pioneira feminista Maria Lacerda de Moura em 1933. Palavras que reverberam hoje com profunda atualidade e podem servir igualmente para caracterizar a crise (política, social, econômica, nacional, institucional, ideológica, etc) brasileira presente: o processo golpista, antipopular, antinacional, entreguista, regressivo, espoliador e totalitário com o qual a classe dominante brasileira, aliada ao centro do poder neoliberal mundial, pretende submeter e sacrificar o povo brasileiro e definitivamente "solucionar", como num passe de mágica, a presente crise estrutural capitalista. E no entanto, o regime de exceção instalado com o golpe de 2016 ao mesmo tempo que exerce uma violência

desmedida contra o povo, educa a consciência popular para a luta total: a ruptura golpista mostra claramente que não há caminho de volta, que para a nação brasileira a democracia popular é questão de vida ou morte, ela é a única solução de fato, ela é o futuro necessário e portanto possível.

Contra a mobilização totalitária para a guerra de inspiração fascista na década de 1930, Maria Lacerda de Moura neste panfleto oferecia a resistência pacifista ativa, intransigente. Tratava-se, como observava a autora, de organizar a "**resistência à perversidade organizada legalmente pela mediocracia** [= o poder dos medíocres] **de bandidos ou vampiros sociais"**. Nestas palavras escritas em 1933, uma mensagem ao futuro e um retrato do Brasil dos golpistas de hoje.

50

Editorial "A Sementeira" -- N.º 1

Maria Lacerda de Moura

Serviço militar obrigatorio para a mulher?

Recuso-me! Denuncío!

Editorial "A SEMENTEIRA"
Caixa Postal 195
S. Paulo - Brasil

FEVEREIRO DE 1933

Editorial "A SEMENTEIRA"

Semear... para colhêr.

O jornal é o arado que sulca a terra — O folheto é a semente que fecunda o solo.

Tomamos a iniciativa de publicar mensalmente uma brochura, ou um folheto de divulgação dos ideaes de emancipação humana.

Queremos semear o principio de solidariedade, de justiça e de harmonia social consubstanciados na doutrina libertaria.

O exito deste empreendimento, a regularidade das nossas edições dependerão do concurso e da bôa vontade dos amigos e camaradas na difusão das nossas publicações.

O proximo folheto será de autoria de Errico Malatesta — intitulado

PALESTRAS LIBERTARIAS
EM TEMPO DE ELEIÇÕES

Serviço militar obrigatorio para a mulher ?

Recuso-me!

Denuncío!

DA AUTORA

A MULHER E' UMA DEGENERADA — 3.ª edição.
LIÇÕES DE PEDAGOGIA — (exgotado).
RELIGIÃO DO AMOR E DA BELEZA — 2.ª edição.
DE AMUNDSEN A DEL PRETE.
CLERO E ESTADO.
CIVILIZAÇÃO — TRONCO DE ESCRAVOS.
AMAI E... NÃO VOS MULTIPLIQUEIS.

A SAÍR

CLERO E FASCISMO.

O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO E NO IDEALISMO DE FERRER, O MARTIR DO ENSINO LEIGO.

HAN RYNER E O AMOR PLURAL.

A GRANDE ALMA — ESBOÇO DA FILOSOFIA PRATICA DE GANDHI.

GUERRA A' GUERRA!

PSICOLOGIA PEDAGOGICA (1.º e 2.º volumes de Lições de Pedagogia).

Editorial "A Sementeira" - - N.º 1

Maria Lacerda de Moura

Serviço militar obrigatorio para a mulher?

Recuso-me! Denuncío!

Editorial "A SEMENTEIRA"
Caixa Postal 195
S. Paulo - Brasil

FEVEREIRO DE 1933

Sem Patria, sem Fronteiras, sem Familia e sem Religião... "Afirmando" a Humanidade, tenho que "negar a Cidade"... Fóra da Lei: recuso os direitos de Cidadanía. O Estado, como a Igreja, são de origem divina... Patriotismo, nacionalismo, fronteira, pavilhão nacional são corolarios.

Idolos vorazes, os Deuses dos exercitos e dos autos de fé exigem vitimas em massa.

A minha familia sou eu quem a escolhe.

A Lei impéde o direito da escolha e os costumes solidificam as leis.

A Lei nada tem que vêr com as minhas predileções afetivas.

Aliás, podemos definir a Lei com as palavras de Rafael Barrett:

"A Lei se estabelece para conservar e robustecer as posições da maioria dominante; assim, nos tempos presentes, em que a arma das maiorias é o dinheiro, o objeto principal das leis consiste em manter inalteravel a riqueza do rico e a pobreza do pobre."

A prova cabal está na queima do trigo, do café, da super-produção — quando ha no mundo 75.000.000 de famintos sem trabalho: para manter o preço alto das

mercadorias, em beneficio, não do produtor, mas, do capitalista, que se apoderou do produto — inutiliza-se o trabalho do produtor e deixamo-lo a braços com a miseria e a falta de ocupação.

Uma sociedade capaz de organizar perversamente, legalmente, de tal modo, os costumes barbaros de acumular riquezas á custa da fome, é de tal requinte de crueldade que não merece absolutamente nenhuma concessão.

Sejamos objector de conciencia, agora que, no Brasil, discutem-se os projetos de uma Constituição modernissima, tocando ás raias do Fascismo...

Porque, si para as trincheiras, é feita a selecção (ás avessas!) e são escolhidos os fortes e os jovens — para os serviços militares da retaguarda, nas proximas guerras de exterminio, serão todos aproveitados — homens, mulheres, velhos, enfermos e crianças.

E não façamos como os padres e religiosos congregados que organizam batalhões e os mandam para as trincheiras, conservando-se, aliás, prudentemente, á distancia e, depois, recusam-se ao serviço militar obrigatorio, sob a alegação de motivo de crença religiosa...

Não nos apoiemos em nenhuma especie de muletas e muito menos na muleta de qualquer religião — revelada ou positiva.

Sejamos objector de conciencia — por humanidade. Contra a tiranía. Contra a crueldade. Contra a violencia. Contra a Autoridade. Contra todo e qualquer despotismo. Contra a tiranía da força armada para a

defesa do Estado — que é o partido dos que estão de cima.

Caminhamos, tambem nós, no Brasil, para o Fascismo cruel e teatral.

Ainda ha pouco (12 de Dezembro de 1932), no banquete oferecido ao Gen. Góes Monteiro, o heróe do dia se refére á "famosa" entrevista de Mussolini a Ludvig:

"A organização militar é uma sintese da organização nacional. Sem nação organizada e disciplinada não pode haver Exercito. Sem Exercito não pode haver soberanía. Sem soberanía, não ha Estado."

E o Gen. Góes Monteiro acrescenta que "a tendencia da Constituição politica brasileira deve orientar-se incessantemente para a unidade total, politica, social, moral, juridica, economica e espiritual."

E' a disciplina a que se refére Mussolini... A "ação integralista"... E mais, diz o Gen. Góes Monteiro:

"Toda liberdade concedida contra os interesses do Estado será um fóco de onde podem brotar germens perigosos. Toda liberdade para fortalecer a segurança do Estado é um bem para a coletividade que deve viver sob permanente equilibrio social — o que só a justiça incorruptivel alcançará, guiada pelo senso das nossas realidades e necessidades." ("O Estado de São Paulo" — 13-12-32).

A concepção fascista do Estado é a de um sêr com direito a tudo, de origem divina.

O individuo é absorvido pelo Estado: é apenas nu-

mero, elemento, material humano. E' a nova concepção do Estado não só fascista como bolchevique.

Diz um artigo de Roger Crosti em "*L'Europe Nouvelle*" sobre a concepção fascista do Estado:

"Para os "teoricos do Fascismo, como o Sr. Giovanni Gentile ou o proprio chefe do governo, o Estado é uma atividade moral, uma realidade ética, programa, missão, espirito."

"*L'Etat c'est moi*"... Nada de novo... O que é renovado sempre, é o orgulho da "populaça de cima."

Luis XIV... Mussolini... Bolchevismo...

Tem razão Mussolini:

O qualificativo de "soberano" aplicado ao povo — não passa de um tragico gracejo...

E o Estado moderno pisa por sobre o cadaver mais ou menos decomposto da deusa Liberdade e ainda ha de tripudiar por cima dele...

A independencia individual está sendo substituida pela concepção de uma conciencia coletiva.

Mas, que é conciencia coletiva? — E' a conciencia dos chefes de Estado: — "*L'Etat c'est moi*"...

Coincide, com essa concepção, o discurso do Gen. Mariante, saudando ao Gen. Góes Monteiro na referida homenagem durante o almoço no Automovel Club do Rio:

"E' a alta administração, sobre cujos hombros deve pesar o funcionamento dos demais orgãos constitutivos do corpo nacional, que determina a execução de átos de violencia. Não compete ao Exercito discutir si taes átos

são ou não justos. Cumpre-lhe enfrentar corajosamente a luta, irrigar o sólo com o seu sangue, procurar triunfar sobre o adversario com o maximo de honra e integridade de brios." ("O Estado de São Paulo" — 13 de Dezembro, 932).

Foi assim que Mussolini decretou as "espedições punitivas" que durante tres anos ensanguentaram a Italia.

E' assim que a tiranía restabeleceu a crueldade nas prisões fascistas, voltando aos suplicios sistematicos da éra medieval — para disciplinar... e pisar por sobre o cadaver da deusa liberdade.

Tambem nós, desgraçadamente, caminhamos para o Fascismo tragi-comico.

Já temos uma policia especializada. Já temos a "Carta del Lavoro" e o Ministerio... policial do Trabalho. Vamos ter o voto obrigatorio para homens e mulheres.

Teremos o "serviço militar obrigatorio total", isto é — para ambos os sexos!

Recuso-me.

Denuncío.

Por que a mobilização "total" do Brasil?

Qual o "inimigo" que nos espreita?

Isso é o fascismo: mobiliza-se todo o Estado no serviço militar obrigatorio total; tiram-se todos os movimentos das massas trabalhadoras — através da "Carta del Lavoro" e do Ministerio do Trabalho; "disciplina-se" o individuo por meio de uma mordaça, pela lei de imprensa ou por meio das expedições punitivas e do oleo de ricino, e tem-se a "ação integralista", a unidade total

— para que a "populaça de cima" possa mover-se á vontade — afim de mais facilmente vender o territorio e o pòvo trabalhador, na vassalagem aos imperialismos inglês ou yankee, de que já não passamos de colonia e de que são os governantes — os gerentes da Sociedade Anonima Limitada — o Estado, pertencente aos reis do dolar ou da libra.

A nossa mentalidade, filha do português "da governança e da fradaria" não póde encontrar senão esse caminho. Servilmente, ruminamos pelas estradas abertas, da força e da violencia. E admiramos a brutalidade. E pedimos o chicote do feitor.

Galgámos, em tres mêses, um passo de gigante para o Fascismo: é o resultado do movimento chamado "pró-Constituição... encabeçado pelos "patriotas" de São Paulo. A violencia dá força á violencia.

Surge, entre nós, outra casta que até aqui não havia: a casta militar.

E tudo agora, no Brasil, vae ser militarizado — para a Gloria de Deus e da Igreja, para a Gloria do Estado moderno, para a Gloria das Milicias do Fascismo.

Nós, que até aqui fomos pacificos por temperamento e tradições, de agora em deante acompanharemos o toque de reunir façanhudo da mobilização total — "prontos para quaesquer batalhas, seguro auspicio de quaesquer vitorias" — segundo o lema fascista.

A atmosfera moral do mundo civilizado está infeccionada pelo virus da violencia. Não se póde conceber sociedade mais vil, mais hipocrita e mais perversa. E' um crime inominavel conhecer essa verdade simples que os fatos de todos os dias compróvam — e querer perpetuar a brutalidade e a tiranía que vae até a morte da conciencia humana — na mobilização da covardia e na tolerancia legalizada do crime.

Não podemos pactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo o esforço humano e cuja preocupação absorvente é inventar meios policiaes de repressão á coragem heroica da resistencia, é criar meios cientificos e emprega-los legalmente na tecnica da maldade oficializada.

E a mulher, a tutelada milenar desta civilização unisexual, a criadora de vida, a sensibilidade trucidada pela prepotencia masculina, protesta contra a organização sistematica dos meios de destruição do trabalho e dos meios de morte da juventude.

E o seu lema, a divisa da mulher moderna para um mundo melhor — não é a violencia do vampirismo social erigido em dogma da Patria ou do bezerro de ouro.

A nossa divisa é um postulado de humanidade:
nem carne feminina para os prostibulos,
nem carne masculina para as bocas dos canhões.

Por isso, lemos, com repugnancia muito humana, os telegramas do Rio, de 30 de Novembro de 1932, cujos tópicos de uma exposição do ante-projéto da Constituição Brasileira nos alarmaram até as fibras mais intimas, numa repulsa integral.

O telegrama diz positivamente: "Póde afirmar-se, desde já, que o serviço militar será obrigatorio para todo

brasileiro que completar 21 anos. Quanto a essa parte, na futura Constituição haverá um pormenor interessante: as mulheres tambem serão obrigadas ao alistamente militar para que possam ficar integralizadas na comunhão politico-social. Uma vez chamadas, serão distribuidas pelos diversos serviços auxiliares, como a Cruz Vermelha, Administração, Arsenaes, etc."

A superioridade manifesta da mulher como a criadora de vida para perpetuar a especie, a maternidade, o aleitamento, os cuidados para com a criança e todas as consequencias dessa escravidão que a sociedade faz pesar, por isso mesmo, sobre os frageis hombros femininos — deveriam bastar para dar á mulher o direito a viver integralizada na comunhão politico-social.

Faço minhas as nobres palavras de Nelly Roussel, uma das grandes mulheres de talento e de coração a serviço da emancipação humana:

"O que ha de grandeza e de pena em a missão materna, não será nunca demais repetir aos homens inconcientes e incompreensiveis. E pretender que aquela que já suporta, *só*, o mais pesado e o mais sublime dos encargos naturaes e sociaes, deva ainda, para tornar-se "igual ao homem em direito e em valor", partilhar com ele outros encargos, que ele teve a triste loucura de inventar; admitir que seja o seu concurso á obra de morte que lhe assegure emfim o salario material e moral sempre recusado á sua obra de vida . . ., isso me aparece como uma especie de blasfemia.

Si todo direito é a consequencia de um dever, nenhum ser no mundo tem mais direitos que a Mãe.

E, si a igualdade de direitos supõe a identidade de encargos, e que as mulheres, em virtude desse principio, se acreditam obrigadas a participar dos encargos militares, pergunto — por que especie de meios contam permitir aos homens participar, por sua vez, dos encargos maternaes?"

E é uma injuria gratuita e cruel pretender que a Mãe humana se faça deshumana e bestial — tornando-se patriota e enviando o filho ás trincheiras — num gesto spartano que é a aberração de todas as leis naturaes.

E' o que diz Léon Werth em *"Clavel Soldat"*, esse livro da guerra que é uma dor e um poema de desesperança e de humanidade.

E' a sua ultima pagina e a transcrevo em homenagem á verdadeira maternidade:

"Clavel visitou a mãe de um dos seus colegas de escritorio, morto na floresta de Apremont. Encontrou uma dama, instalada no seu luto patriotico. Ha mães burguesas que não amam bastante os seus filhos, para os chorar si eles morrem numa época em que o uso quer que morram os moços. Ela o interroga pelo seu sector, um pouco espantada, decepcionada talvez porque tambem ele não tenha morrido. Saindo da sua casa, Clavel sentiu-se mais descoroçoado do que quando sob um bombardeamento ou deante dos cadaveres.

Uma velha costureira que fazia os vestidos de sua mãe, o impediu de desesperar. Seu filho de vinte anos fora morto, saindo da trincheira. Ela lhe mostrou a sua

ultima carta: "O que eu vejo é por demais horrivel, horrivel! Eu não desejaria ser ferido, curar-me, voltar, revêr isso. Prefiro morrer. Obrigado pelo que você tem sido para mim."

E ella disse a Clavel:

— Para que ele não morresse, eu daria a França e a Alemanha...

— E... pensou Clavel, quem a vingará?... E sobre quem recairá a vingança?..."

Uma mãe burguesa, patriota; uma mãe conciente, uma carta de horror, da trincheira.

E' isso a guerra. Aí está toda a tragedia das convenções sociaes. Aí está — "o grande drama da guerra e da paz", pensa Clavel.

Os fátos revelam a mulher igual ao homem no requinte da ferocidade e destruição animal e humana. E é logico. A educação dos sexos está standardizada na direção dos mesmos sentimentos de classe ou de partidos.

Mas, com uma profunda diferença que deveria constituir vantagem para o homem burguês: nas escolas superiores e nas academias cientificas o sexo masculino, aí como na escola da vida, encontra campo vasto para dar trabalho á sua razão. Isso não quer dizer que o homem se aproveite dessa vantagem. Não. Ele se instrúe para saber melhor representar o tartufo. "Vencer na vida social" é a sua divisa e, para lá subir, abaixa-se até reduzir a espinha dorsal a um simbolo...

E a mulher burguesa, onde quer que estude, não vae além das emoções. São quasi divinas as exceções

que se contam por numeros. Não raciocina, sente. E sente não com o sentimento: sente com o instinto animal ou com o sentimentalismo da folha de parra... aprendido no moraliteismo de epiderme. E' apaixonada. Não passa além da emoção primaria. Não chegou ao sentimento, embora toda a literatura academica. Está mais proxima da emoção animal: é rancorosa, odienta, vingativa, perseverante nas suas intenções. Não se domina. Não controla as suas paixões. Não quer aprender a ser calma, a realizar-se. Dá largo curso a todos os seus impulsos. Envolve um cachorrinho de estimação em flanelas e o deita na sua almofada ao mesmo tempo que enxota uma criança miseravel para que não suje os seus tapetes.

Mme. Duchêne, uma verdadeira pacifista, conta que ouviu de uma mãe com seus filhos e seu genro no "front" — (1914-1918):

— Fui a Soissons. Ouvi o canhão, *c'était très amusant!*" E continúa:

"Lembro-me de um film mostrando cenas atrozes da guerra. De repente passa um cãozinho na tela. E muitas vozes femininas gritam: "Oh! pobre animalzinho!" "Assinalei o fato a Romain Rolland; ele foi ao cinema, na mesma cena, ouviu o mesmo grito saído de outras bocas."

Vale a pena continuar. Diz Mme. Duchêne: "Recebi um dia a visita de Mme. Margarita Sarfati, uma italiana, numa epoca em que a Italia ainda não havia entrado na guerra. Ela me diz: "Como é que as france-

sas puderam chegar a este estado? Só vi duas mulheres reagir como todas deviam reagir, é Mme. Cruppi e você."

"Algum tempo depois, continúa docemente Mme. Duchêne, a Italia entra na guerra. Mme. Margarita Sarfati escreve um volume, com uma ilustração na capa que, por si só é um simbolo: o sangue corre a jorros. E' um livro de entusiasmo guerreiro. E hoje Mme. Margarida Sarfati dirige uma revista fascista."

Embora a conclusão de Mme. Duchêne não seja de absoluto desanimo, ela chega a dizer: "Creio que, si os homens não tivessem medo das mulheres, seriam menos belicosos."

Mme. Séverine, Mme. Duchêne, Nelly Roussel, as poucas mulheres intelectuaes, burguesas ou proletarias que se opuseram á guerra no momento da guerra, protestando pela palavra, recusando-se a contribuir para o massacre, não indo trabalhar nas oficinas e fabricas de munições — são essas as verdadeiras heroinas.

Mas, a mulher se exalta, com o homem, no despertar do instinto animal de agressão. E' contra essa mentalidade de açougueiros que devemos protestar — em nome da humanidade.

A crueldade, o odio, o sentimento de vingança foram sempre atributos do escravo social — que se não deixa vencer.

E, si fossemos joeirar nos fátos dos ultimos acontecimentos de São Paulo?

Foram diversas as senhoras da alta burguesia que davam na rua aos homens não fardados um bilhetinho

nestes termos: — "Vista saias. Seja homem. Covarde!" E outros mais exigentes. Houve damas que esbofetearam oficiaes da policia em plena rua, gritando "Traidor!" Outras diziam: — "Quando morrerem os homens, iremos nós."

E mais doloroso: as mães e as professoras mobilizaram as paradas infantis com os estandartes: — "Si fôr preciso, tambem nós iremos." E hoje, nas escolas paulistas, as professoras continuam a "educação" militar e guerreira dos pequeninos paulistas para uma revanche contra os seus proprios irmãos brasileiros.

Durante a grande guerra, mulheres francesas furaram os olhos de prisioneiros alemães. E Léon Werth em "Clavel Soldat" conta que uma "dura burguesa, rosto de Juno, sombrancelhas graves e peito em prôa" dizia: — Eu era enfermeira em uma estação. Pediram-me merenda para os feridos boches. Respondi: "Dou pão... guardo a manteiga para os feridos franceses."

As melhores, fazem assim...

A mulher limita o seu raio de ação aos entes que dela estão mais proximos. E' a defensora da cidadela fechada e egoista da familia de sangue dentro da lei. Ou a defensora da "Cidade". E', portanto, reacionaria, a defensora incondicional dos prejuisos sociaes e dos preconceitos patrioticos e religiosos — as colunas basicas em que se apoiam os forjadores das guerras.

A mulher é tão deshumana quanto o homem. A sua

logica sentimentalista é lamentavel, de um ridiculo infantil tão caracteristico que chega a atraír a simpatia.

Assim, em todas as classes sociaes, dentro do quadro geral de todas as culturas intelectuaes femininas, a sua logica é subordinada ao aféto, é uma logica de partidos, apaixonada, emotiva, exaltadissima, acompanhando os seres que mais de perto lhe tócam o coração ou acompanhando a familia legal, embora todas as discordias intestinas...

Daí a sua crueldade, o seu indiferentismo ou a sua ferocidade cõntra aqueles que podem prejudicar aos seus ou contra os que pensam de maneira diversa.

Quando intelectual, si se fecha dentro do seu partido — é a mesma cousa. Daí a palavra de Kollontai: (*"La Voix des Femmes"* — 16, março, 1922):

"A participação das operarias e camponesas na armada sovietica não deve ser apreciada somente sob o ponto de vista do auxilio pratico que as mulheres já deram no exercito e no front, mas, segundo a transformação que arrasta inevitavelmente á questão da participação da mulher na obra militar."

E Alexandra Kollontai é dura como o homem do seu partido, e, como o homem, de quaesquer partidos, quer arrastar a mulher ás mesmas crueldades ferozes do instinto guerreiro. Destóe toda a grandeza delicada da missão feminina de paz e amor — querendo torna-la "igual" ao homem nos direitos á ferocidade exigida pelo Estado. Diz Kollontai:

"Si a revolução de outubro estabeleceu as bases da supressão da desigualdade passada, entre os sexos, a participação ativa das mulheres nas principaes frentes comuns: a frente do trabalho, a frente vermelha, aniquilou os ultimos prejuisos que entretinham essa desigualdade."

Kollontai se esquece da desigualdade da escravidão domestica e da desigualdade bem maior da maternidade... Diz ainda:

"A partir do momento em que a mulher é chamada no exercito, a opinião, do que ela é na sociedade, forma-se definitivamente como sendo a de um membro do Estado, igual ao homem em direito e valor."

Assim na Russia bolchevique, assim na Italia fascista: enquanto dura o perigo.

Passado esse, são obrigadas, como ha pouco, na Italia fascista, a se retirar dos empregos — para ceder o lugar aos desocupados masculinos, que teem direitos adquiridos pela força secular do sexo...

Assim, proletarias comunistas, burguesas fascistas, burguesas democratas — a mulher deve estar contente! Dentro da lei, póde furar os olhos do inimigo.

Si, até aqui, fez por prazer, a sua propria mobilização, agora será um numero legalizado no grande rebanho da carnificina em defesa da Patria e da Religião.

Ha tres mêses, neste Brasil pacifista, de parte á parte, as burguesas de São Paulo ou as feministas do Rio de Janeiro movimentaram-se para a guerra, prestando "conforto moral" aos soldados, distribuindo sorrisos, "bonbons" e cigarros.

Fizeram jús á defesa nacional...

Excelente instrumento nas mãos da reação a que vamos dando o nome de "revolução."

Tanto se postou ostensivamente ao lado da violencia, tanto aplaudiu, tanto homenageou os "heróes", tanto endeusou aos "vitoriosos", tanto se pôs ao serviço do massacre humano, tanto mostrou as suas qualidades varonís que — conquistou o direito do voto, e, com ele — o dever de matar.

Porque, o homem forte e varonil, vitorioso e heróe — acha que a sua propria mãe não subiu até ele... Para que tenha direito aos seus direitos — deve nivelar-se a ele na sua bestialidade.

Os sexos se equivalem nas "imbecilidades especificas..."

Mas, ambos pacifistas, da "raça ovina dos pacifistas passivos "— na frase pitoresca de Romain Rolland.

Como os homens, as mulheres organizam embaixadas da paz... tal qual como o homem na Sociedade das Nações ou nas Conferencias do Desarmamento.

E, tal qual como o homem, batisa trens blindados ou vae prestar "conforto moral" aos combatentes e prisioneiros.

As exceções, homens ou mulheres, burgueses ou proletarios, merecem todas as homenagens dos corações bem altos dos que subiram além da violencia e da crueldade.

A humanidade merece outras glorificações de amor e solidariedade — muito além dos festins canibalescos dos prostibulos ou das trincheiras.

Por isso, subscrevo as palavras de Romain Rolland:

"Constituamos uma frente unica contra a guerra. Sob essa bandeira devemos formar um exercito de homens e de mulheres de toda a terra, para declarar, para impor a paz no mundo. Nossa campanha tem um objetivo concreto — guerra á guerra — e o que menos nos importa é o uniforme de nossos confederados. A unica cousa que nos interessa é a sua franqueza, sua intrepidez, sua abnegação absoluta á causa que nos une." (Mensagem ao Congresso mundial contra a Guerra — Amsterdam — 27-28-29 de Agosto, 932).

E mais: em entrevista recente, Romain Rolland declara: "A guerra ameaça de todos os lados. E' preciso levantar-se contra ela e contra os que a convertem em industria. Guerra á guerra!"

E começamos, protestando a nossa revolta contra a mobilização feminina e masculina nos serviços da guerra.

A guerra é a bestialidade acordada no homem: enquanto os seres humanos não souberem resolver os seus problemas ou as suas necessidades pela razão, enquanto os seus recursos de animalidade se limitarem á força bruta e erigirem em lei o principio da violencia carniceira, estraçalhando-se como animaes ferozes sem mesmo o objetivo da luta pela nutrição imediata — inutil falar em razão, espiritualidade, fraternismo, solidariedade, sentimento de amor ao proximo, verdade, justiça ou evolução humana.

Não passamos de bestas carniceiras. Por isso, tem razão Einstein:

"Parece-me ridiculo, para não dizer tragico, que se

espere que os tecnicos ponham fim a essa barbaria que é a guerra. O desarmamento não é uma questão de tecnica, mas, de boa vontade.

E' uma banalidade falar do maravilhoso resurgimento da tecnica nos ultimos cem anos. Esses inventos são tão perigosos nas mãos das atuaes gerações, como uma navalha de barba nas mãos de uma criança de tres anos: — em vez de libertar o homem, o que fazem é aumentar as suas preocupações e reduzi-lo á fome.

Os armamentos modernos conduzem ás guerras e o desenvolvimento do maquinismo nas fabricas, á superprodução, isto é, á fome.

Graças aos aperfeiçoamentos da tecnica, chegaremos a suprimir, em um abrir e fechar de olhos, milhares de vidas humanas e o fruto de um trabalho imenso.

E' preciso declarar a guerra fora da lei."

O mundo inteiro está ás portas do fascismo. O inimigo comum tem dois nomes: — guerra e fascismo. A nossa bandeira tem dois lemas:

Guerra á guerra!

Guerra ao Fascismo!

E não se suponha que a guerra seja ainda uma hipotese e que pode ser afastada. De modo algum.

Ha já dois anos que a guerra — sem declaração de guerra — é efetiva entre Japão e China.

A India assiste diariamente, ha dois anos, ao massacre de hindús a gazes e a metralhadoras.

Na America do Sul, sabemo-lo de sobra...

Em vez da "mobilização total" do Brasil, si não ha

demonio capaz de aprovar semelhantes loucuras da perversidade bestial da sociedade capitalista — por que razão não se pensa, antes, na neutralidade absoluta — em face da tragedia macabra que o mundo civilizado, pejado de ciencia, prepara para os nossos dias desgraçados?

E si não for tomada a resolução decisiva de combater a guerra, si povos inteiros e individuos isolados não desafiarem a guerra pela neutralidade absoluta em face de quaesquer contendas, desencadeadas pelos govrnos — cumplices da Internacional Armamentista, — a luta se generalisará automaticamente pelo mundo todo, e gazes e microbios, a peste, a fome e os raios da morte não deixarão mais ninguem para brigar outra vez...

"Não Matarás."

"Ama ao teu proximo como a ti mesmo."

"Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti."

A sociedade cristã, piedosa, caridosa, é o Anti-Cristo do Apocalipse...

*
**

E' Joseph de Maistre quem abre as paginas do livro de Fernand Corcos, no seu inquerito documentado e doloroso: "As Mulheres em Guerra." Diz Joseph de Maistre:

"No vasto dominio da natureza viva, reina uma violencia manifesta, uma especie de raiva que arma todos os sêres... Assim, ha insetos de prêsa, reptís de

prêsa, aves de rapina, peixes de rapina, e quadrupedes de rapina. Não ha um instante da duração em que o sêr vivo não seja devorado por outro. Acima dessas numerosas raças de animaes está colocado o homem cuja mão destruidora nada poupa do que vive. Mata para se nutrir, mata para se vestir, mata para se adornar, mata para atacar, mata para se defender, mata para se instruir, mata para se divertir — mata por matar..."

E Joseph de Maistre raciocina com amargura: "Ha no homem, apesar da sua imensa degradação, um elemento de amor que o leva para junto dos seus semelhantes; a compaixão lhe é tão natural como a respiração. Por que magia inconcebivel está ele sempre pronto, ao primeiro rufo do tambor, a se despojar desse caráter sagrado para marchar, sem resistencia, muitas vezes mesmo com certo regosijo, afim de reduzir a pedaços, no campo de batalha, a seu irmão que nunca lhe ofendeu e que, por sua vez, avança para lhe fazer o mesmo, si puder?"

Fernand Corcos, nesse livro, sujeita a mulher a um interrogatorio documentadissimo; concorda com de Maistre e pergunta:

"Sim, o homem, mas — a mulher?"

Dada, pelos fátos, rigorosamente catalogados, a equivalencia das "imbecilidades especificas...", a mulher, arrastada pela bestialidade do homem, standardizada a educação na voracidade dos idolos sangrentos da Patria e da Religião, — entre as cartas de intelectuaes

do numero da sua documentação interessantissima, encontramos este conceito admiravel de Charles Gide:

"Embora economista de profissão, não partilho a doutrina na moda, de que a guerra não é senão o resultado de fatores economicos. São as paixões, muito mais que os interesses, que desencadeiam as guerras; as mulheres, mais ainda que os homens, estão sujeitas ao impulso das paixões."

O problema não foi posto nos devidos termos: os industriaes de armamentos, o capitalismo, o mundo politico e economico aproveitam-se das paixões, excitam os instintos belicosos do patriotismo, lançam mão do prejuizo nacionalista e desencadeiam as guerras — em proveito dos seus interesses de chacaes que se nutrem dos campos de batalha e assentam os seus milhões por sobre montanhas de cadaveres.

E a Internacional Armamentista é, verdadeiramente, a unica Internacional sem Patria, sem fronteiras, sem Familia e sem Religião...

E defendida, ferozmente, pela Patria, pelos interesses de fronteiras, de Familia e de Religião...

E é a conciencia coletiva fórte, reacionaria, para perseguir, exilar, martirizar, executar, fuzilar, os indesejaveis humanos, os, objectores de conciencia, cuja Patria é o Universo, cuja Familia é a Humanidade.

*
**

Ha tres maneiras diversas de idealizar o termo das guerras.

1.º — Aumentando os exercitos. Multiplicando os arsenaes. Fazendo crescer em qualidade e quantidade as maquinas de guerra. Mobilização geral: homens, mulheres, velhos, enfermos e crianças. Exercitos gigantes abrangendo toda a população civíl. A gigantanasia no sentido militar.

2.º — Limitação dos armamentos.

3.º — Desarmamento.

Enquanto discutem em Genebra a limitação dos armamentos ou o desarmamento geral na farça tragica da Sociedade das Nações, os governos se armam até os dentes.

E' o primeiro postulado que está vigorando. A Russia bolchevique mobilizou permanentemente a mulher — para a proxima defesa dos seus principios: a chamada Ditadura Proletaria.

A Italia Fascista organizou o fascio feminino e as competições atleticas para a mulher.

Tenho em mãos a edição alemã "A Luta pelo desarmamento", em quatro linguas — inglês, alemão, francês e castelhano, na qual ha fotografias de moças em trajos militares e até munidas de mascaras para gazes, outras em exercicios de tiro, marchas, etc. E as legendas:

"Homens, mulheres, crianças. —

"Em vez de envernizar os bancos escolares, os estudantes poloneses aprendem a montar como soldados de cavalaria e as moças a atirar na infantaria."

E mais:

"Homens, mulheres, crianças. —

"Não é somente na Russia sovietica, mas tambem na Polonia, Estados Unidos e Inglaterra que se dá instrução militar ás mulheres."

O Japão segue a mesma divisa. E, na China modernizada, nacionalista-sovietica, sabemos que as mulheres irão ás trincheiras, como as russas, quando necessario.

Já se vê que o primeiro argumento está sendo apoiado fortemente — para a paz geral...

Os contrarios ao primeiro metodo de idealizar a paz, sabendo que a "defesa da patria" está acima da maternidade e da natalidade;

certos de que toda a população civil será militarizada;

cientes de que, quando as nações entram nesse caminho, a casta militar guerreira e destruidora dominará, e, todos os creditos lhe serão outorgados para o massacre — em prejuizo de tudo mais (instrução, saúde, assistencia, etc.;

que será o advento do crime, do saque, da peste, da miseria, sem resultado, sem beneficio algum para o genero humano, porque "a ciencia matou a conciencia";

e que "a força de cada nação não será proporcionalmente aumentada, mas as perdas em vidas humanas e em riquezas serão singularmente engrandecidas";

e, em virulencia o ardor guerreiro, despertos os instintos bestiaes de carnagem, mais dificilmente serão apaziguados;

exasperadas as paixões, ninguem mais poderá conter a onda de delirio e destruição;

e o respeito á vida humana, o respeito á liberdade individual e ao espirito de independencia constituirão um mito no seio de uma organização social de canibaes civilizados e intoxicados da ciencia de matar;

e que essa "loucura planetaria" é o suicidio coletivo do genero humano através da gigantanasia da tecnica de guerra cientifica;

— os contrarios á gigantanasia dos exercitos e da mobilização geral de todos os seres utilizados nos departamentos da guerra, passam a pedir o limite dos armamentos ou o desarmamento total.

As duas ultimas hipoteses são tão absurdas como a primeira.

Limitar os armamentos é impossivel no estado agressivo e industrial a que chegou a organização social. Cada país quer a hegemonia e defende agressivamente o seu imperialismo contra o imperialismo vizinho.

E a industria dos armamentos é a Maquiavelica Associação Anonima que governa o mundo moderno.

O desarmamento total é ainda mais utópico.

Seria preciso primeiro desarmar os espiritos. E a humanidade não é composta de Cristos ou de Gandhis.

Seria necessario que todos os póvos se transformassem em póvos de apostolos. E, seria mudada a face do mundo... Mas, um apostolo sozinho é amordaçado ou executado, e, desencadeia mais perseguições, mais odios e mais violencias, mais vinganças e mais crueldades do

que seriam precisas para elimina-lo em beneficio da "populaça de cima."

Que o digam Socrates e Cristo.

Tudo é anti-Cristo na sociedade Cristã.

E Gandhi vae morrer voluntariamente para não confessar que ainda não é tempo de despertar os mórtos...

Dar a outra face á bofetada social, por amor, não pode medrar na civilização do bezerro de ouro que responde com o box ou com a guerra cientifica: Inutil... Só um povo inteiro de apostolos á altura de Gandhi.

Assim, é a primeira ideia a que predomina sob a mascara de paz — com a intenção de hegemonia e independencia nacional contra a independencia e hegemonia de além fronteiras.

Portanto, a "iniciativa ousada do projeto de lei" elaborado sob a presidencia de M. Paul Boncour á "Comissão de estudos do Conselho superior da defesa nacional" (França,) defendida pelo mesmo Sr., como "rapporteur" ante a Camara, "consiste — segundo as consequencias da ultima guerra — em declarar que não ha mais distinção entre aqueles que são chamados sob as bandeiras e os outros. Sem distinção de idade ou de sexo, todos devem servir nos lugares que lhe são assinalados, todos os recursos do país devem ser retesados para a sua libertação."

Desse modo, o que a mulher faz hoje, por prazer, de livre e espontanea vontade ou dentro do fatalismo da passividade, ou impelida pela covardia de resistir ao

delirio coletivo — Cruz Vermelha, Cruz Azul, Cruz Verde, policia, substituição nos serviços publicos, organização de obras de assistencia e espionagem, — terá de fazer pela mobilização geral.

Isso significa simplesmente que chegou o momento extremo de tomar uma deliberação de acordo com os sonhos de fraternismo, solidariedade humana e não-violencia que ha anos vamos idealizando, nós, os avanguardistas, os forjadores do porvir.

Quanto a mim, recuso-me a contribuir para a carnagem civilizada da proxima guerra cientifica.

Recuso-me a me alistar ou a comparecer á chamada geral de mobilização.

Recuso-me a cooperar, de qualquer modo, no exercito de exterminio da vida humana e do desrespeito á liberdade individual.

Desde já me considero alistada ao lado daqueles que serão sacrificados, voluntariamente, á sanha nacionalista.

Prefiro morrer a matar.

E prefiro morrer — a cooperar com a loucura militarista e patriotica na destruição da vida e no aviltamento da dignidade individual.

Espero o dia, bem proximo, em que, o mundo inteiro conflagrado numa guerra de exterminio, determine o fuzilamento em massa dos objectores de conciencia nos quatro cantos da terra.

E, desafiando a brutalidade coletiva, em vez de esperar que me venham buscar para a mobilização, eu me apresentarei voluntariamente afim de ser fuzilada logo, poupando a mim mesma a amargura de vêr o desatino do direito da força, embandeirada em arco de triunfo, a tripudiar por sobre a conciencia humana, iluminada por um Cristo ou dignificada por um Gandhi.

E que se não queixem as mulheres. Essa mobilização é sua obra. E' o resultado do seu ardor patriotico a serviço dos governos ou dos partidos politicos. E' a sua inconciencia carinhosamente cultivada pela passividade mental.

E' o seu servilismo, a domesticidade a repetir a palavra de ordem da civilização unisexual. São as mulheres que, elegantes, hontem e hoje, enchem as salas dos hospitaes da Cruz Vermelha, levando o "conforto" moral e os "bonbons" e os sorrisos e as promessas aos guerreiros.

São elas que se oferecem ás oficinas militares, aos arsenaes, ás fabricas de munições e que vão atirar flores nos soldados que, em massa, acovardados pelo numero, passam nos vagons, como carne para o açougue.

São elas que, endeusadas pelo Patriotismo e pela Religião, nas estações das estradas de ferro, distribuem sorrisos e refrescos e gulodices e cigarros, estimulando os homens ao massacre dos seus irmãos. São elas que auxiliam o clero a enviar a carne para canhões — no

ardor patriotico em nome daquele Cristo manso e doce de coração (1).

Que amanhã, quando for "legalizada" e declarada a mobilização feminina, não se queixem ou não venham dizer, como os homens de hoje, civís e militares, que "são obrigados", que vão "cumprir um dever". Patriotas ou passivamente resignadas — são cumplices dos homens nesse delirio tragico de gigantanasia militar.

Cumprir um dever! Cumprir o dever de matar! Mas, não repugna á conciencia a ideia de assassinar ou mutilar o semelhante?

Não repugna a destruição de todos os esforços milenares do genero humano?

E como se póde harmonizar uma conciencia com a ideia de matar o proximo?

Quem me poderá convencer de que devo matar alguem?

Que força humana pode armar o meu braço para que eu tire a vida de meu irmão?

Quem tem o direito de impôr á minha conciencia o dever de pegar em armas, de fabricar armas ou contribuir para o massacre de uma guerra?

Esse dever é a covardia coletiva. E' a bestialidade humana.

---

(1) Agora, mulher de Baurú, eu vim buscar os seus filhos, os seus maridos ,os seus noivos, os seus netos, os seus genros... — (Do "brilhante" discurso de S. Excia. D. Duarte Costa, Bispo de Botucatú, no dia 25 de Agosto em Baurú, quando organizava o Batalhão de Caçadores Diocesano).

O meu dever, o dever que a minha conciencia me impõe é o dever de me deixar matar, antes que me obriguem, por uma convenção idiota e util aos poderosos, a me armar para o massacre dos meus irmãos.

De maneira alguma contribuirei, com o meu esforço, para essa carnificina odiosa — em nome dos idolos da lei, da patria ou da civilização.

Terei a coragem heroica da abstenção, da resistencia, do desafio.

Faço minhas as palavras de Einstein, o maior cientista vivo:

"Eu me recusaria a todo serviço de guerra, direto ou indireto e procuraria convencer os meus amigos a adotar a mesma atitude, e isso independente de toda opinião critica sobre as causas das guerras." (1).

E mais:

"Sou pacifista absoluto. Estou disposto a que me citem como oposicionista ou derrotista, sem nenhuma restrição quanto á guerra e aos metodos de violencia. Essa atitude não é somente baseada em uma teoria cientifica, mas tambem na aversão e no desgosto profundo á crueldade e ao odio. "(2).

O projeto de M. Paul Boncour, na França, como a mobilização da mulher russa, polonesa, inglêsa, americana ou fascista-italiana constituem, desgraçadamente, o

---

(1) Entrevista ao diario de Praga "Warheit" (A Verdade).
(2) Entrevista concedida a pacifistas americanos.

inicio da organização da gigantanasia militar da tecnica moderna — para o massacre cientifico. Será o suicidio coletivo.

Acabou-se a paz no mundo.

Desertemos. Não pactuemos com esses crimes abominaveis. Nesse caso, o fuzilamento equivale á libertação. Socrates, Cristo preferiram esse caminho.

Será o nosso, si tal for preciso.

A ciencia matou a conciencia. Ou o massacre humano nas guerras cientificas vencendo a tecnica moderna que determinará a extinção da especie, pela morte ou pela degenerescencia, ou a salvação pela não violencia heroica — na suprema resistencia á perversidade organizada legalmente pela mediocracia de bandidos ou vampiros sociaes.

Ou Gandhi e Einstein ou "tanks" e gazes e submarinos e aviões e raios da morte e aero-foguetes dirigidos pela epilepsia da força e do poder.

Ou a bondade evangelica de Gandhi e a sabedoria de Einstein ou o reinado das industrias pesadas de armas e munições dos chacaes que acumulam fortunas por sobre o luto, o martirio e sangue. Ou a violencia armada e o massacre de todo o genero humano ou a não-violencia e o alvorecer de uma nova madrugada para o despertar da razão e o alvorecer da conciencia — no conhecimento do fraternismo — para nóvos rumos em busca do pão e do bem estar para todos.

Desafiando a bestialidade deshumana, eu me alisto ao lado da "Internacional dos Resistentes á Guerra",

para a ação direta da não-cooperação com o massacre canibalesco que a sociedade civilizada preparou para os nossos dias. E me colóco, individualmente, sem nenhum compromisso de associação, junto dos maiores expoentes do pensamento contemporaneo, com Noman Angell (Inglaterra), Natanael Beskow (Suecia), Harry Kessler (Alemanha), o ex-presidente do Reichstag Paul Lobe (Alemanha), Victor Margueritte (França) Philip Snowden (Inglaterra), Rabindranath Tagore (India), Barbedette (França), Einstein (Alemanha), Bertrand Russel, Georges Duhamel (França), Arnold Zweig, H. G. Wells, Sinclair Lewis, Han Ryner (França), generaes Verreaux (França) e von Schonaich (Alemanha) e Bratt e Bronskog (Suecia), Remarque (Alemanha) — todos resolvidos a desafiar a guerra pela não-cooperação com o massacre, pela suprema resistencia á violencia organizada pelos governos, na degenerescencia delirante de exterminio e crueldade.

Recusando-me a pactuar com essa "loucura planetaria", apresento testemunhas de cientistas que, tendo sido chamados pelos respectivos governos, recusaram-se a prestar-se ás experiencias de gazes asfixiantes para o desenvolvimento macabro da tecnica moderna, e são: professor Soddy (Grã-Bretanha), professor Cohen (Holanda), Dra. Gertrud Woker (Suissa) — *"La Percé"* — Runham Brown — "Internacional dos Resistentes á Guerra" — 11, Abbey Road, Enfield (Middlesex) — Inglaterra.

Em conclusão: Como o homem, emotiva, apaixonada, a mulher se exalta, standardizada a sua mentalidade pelo tipo comum masculino, e é cumplice dos seus desatinos no delirio planetario das guerras. E' a grande maioria.

A outra parte, aceita os fátos consumados, resignadamente, passivamente, estoicamente, sofrendo-lhe os horrores, as lagrimas na garganta, como uma fatalidade social, sem protesto, prestando-se aos manejos de todos, servindo de instrumentos passivos nas mãos dos patriotas guerreiros, manejadas habilmente pelos tartufos do moraliteismo religioso.

E' necessaria uma clarividencia heroica para ver a inconciencia ou a perversidade dos que são movidos pelos cordeis desse Guignol voraz do capital e da industria.

Depois, mais coragem para saltar fora desse trampolim social no desafio á crueldade organizada legalmente.

Desprêso á vida — para desafiar a corrente e denunciar os histriões macabros dessa farça planetaria.

E já se contam por numeros, no mundo inteiro, os homens e mulheres dispostos a recuar, num supremo exercito de resistencia, e apontar o caminho da deserção e da objecção de conciencia — ás gerações de moços enganados miseravelmente pelos vampiros da organização social do bezerro de ouro.

A solução do angustioso problema não póde ser a passividade sentimental das lagrimas ou a passividade

tragica da resignação feminina — o que chega a ser tambem cumplicidade.

A luta contra a guerra é uma guerra tremenda, a luta aberta, de vida ou de morte, contra todas as forças sociaes reacionarias, é a ação direta, a mais poderosa força revolucionaria do mundo moderno.

Todos os governos são cumplices, conciente ou inconcientemente, dos canibaes civilizados, forjadores das guerras.

As Nações nada representam e não são grandes nem se elevam pela infernal estrategia de seus generaes, mas, iluminam o mundo pelo genio humano de seus pensadores e artistas.

Unamo-nos as mãos e os corações, homens e mulheres de todas as raças, de todos os crédos, todos os seres concientes do mundo inteiro — contra a ferocidade bestial das proximas guerras de exterminio.

Proclamemos a nossa humanidade: não ha Patrias, não ha fronteiras para as leis naturaes.

Todos os humanos são, como Socrates, cidadãos do Universo.

E a Internacional do Pensamento deve suprimir a vergonha barbara da Internacional Armamentista.

Dezembro - 1932.

PEDRO KROPOTKINE

"O ANARQUISMO"

Sua filosofia — Seu ideal — Suas bases cientificas — Seus principios economicos.

Com prefacio, biografia e notas.

Brochura - 1 exemplar . . . . . 5$000

"A PLEBE"

Periodico Libertario - Caixa Postal 195
São Paulo

Assinaturas: 1 anno, 10$000 - 6 mezes, 5$000

"NO PAÍS DOS HOMENS LIVRES"

De HAN RYNER

"Les Pacifiques", o livro admiravel de Han Ryner, um poema em prosa, acaba de ser traduzido para o português com o titulo acima por *Maria Lacerda de Moura*. Nada diremos em torno desse livro genial do grande pensador francês. Apenas transcrevemos, aqui, um periodo de outro escritor notavel, não menos genial, uma das maiores mentalidades do mundo moderno, *Banville d'Hostel*, referindo-se a Han Ryner: "Dia virá em que Han Ryner será reconhecido por todos, como o maior europeu de seu tempo" (*"Le Semeur"* — Numero especial em homenagem a Han Ryner — França.)

Recomendamos particularmente ao proletariado brasileiro e aos intelectuaes e artistas esse livro magistral que faz sonhar com o reino da fraternidade.

Edição da "Civilização Brasileira Editora" — Rua Lavradio, 160 — Rio de Janeiro. — Pedido a Rodolpho Felippe, Caixa Postal, 195 — São Paulo — Brasil.

EDITORIAL "A SEMENTEIRA"

Aos revendedores das nossas edições fazemos os seguintes descontos:

de 5 a 20 exemplares 20%
" 20 para mais 30%

Aceitamos pedidos e encomendas de qualquer livro, jornal ou revista.

Pedidos, informações e valores

a

RODOLPHO FELIPPE

Caixa Postal, 195

S. Paulo - Brasil

Nota — Todas as nossas edições obedecerão ao formato e tipo desta.

Um exemplar desta brochura 1$000

50

Editorial "A Sementeira" - - N.° 1

Maria Lacerda de Moura

Serviço militar obrigatorio para a mulher?

Recuso-me!

Denuncío!

Editorial "A SEMENTEIRA"
Caixa Postal 195
S. Paulo - Brasil
FEVEREIRO DE 1933